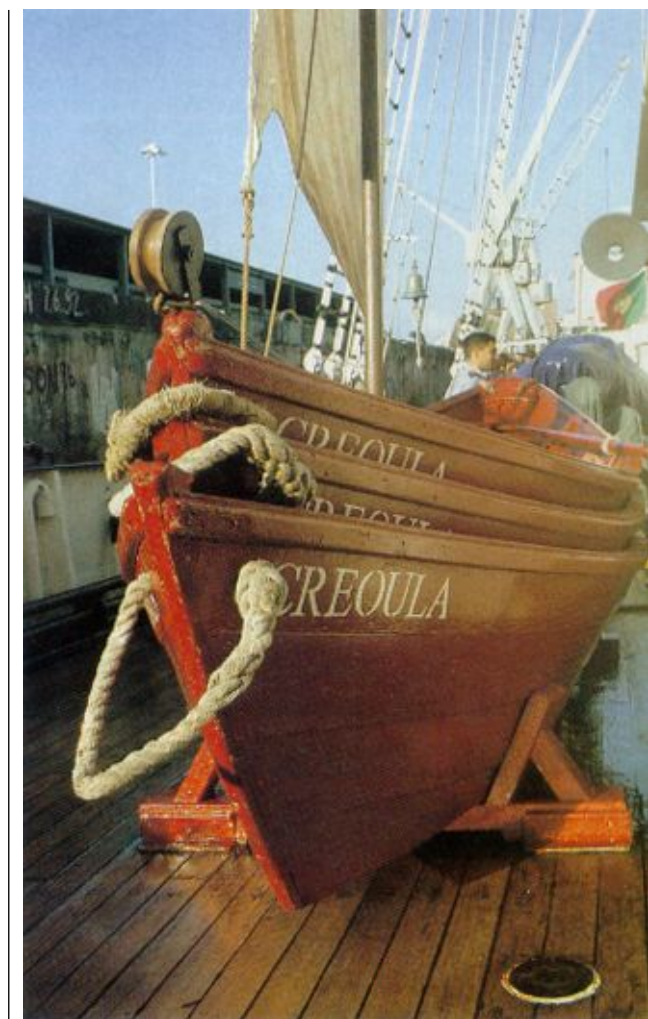




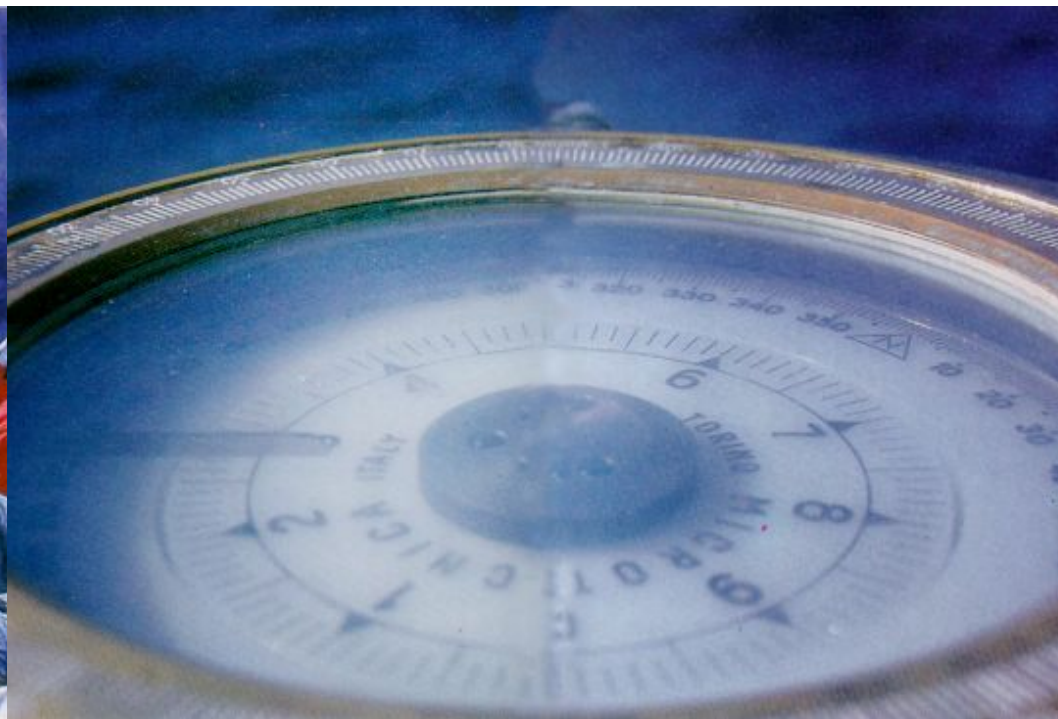
Durante 13 dias, um grupo de 50 pessoas viveu a experiência de navegar no Atlântico a bordo do veleiro "Creoula", numa viagem organizada pelo CEAI, uma associação de conservação da Natureza. Uma forma original de tomar contacto com o oceano e com a riqueza natural do arquipélago da Madeira.

Texto de Luís Villalobos | Fotografias de Luís Villalobos e David Travassos

CREOULA Navegar pela Natureza



No cais do Alfeite, em Lisboa, cinco dezenas de civis vindos um pouco de todo o país destoavam das centenas de marinheiros uniformizados. Com olhares curiosos e ansiosos, estes jovens homens e mulheres, cujas idades iam desde os 20 aos 35 anos, fitavam o mesmo objecto: o Creoula, um imponente lugre (navio de pano latino) de quatro mastros da Marinha de Guerra Portuguesa. Durante 13 dias este veleiro, recheado de história, seria a sua casa. Destino: Arquipélago da Madeira. A bordo estava já a tripulação fixa, constituída por seis oficiais, seis sargentos e 26 praças. "Faina Geral de Mastro" foram as primeiras palavras do vocabulário marítimo que os instruendos aprenderam. Ao som do apito do mestre Lagareiro, com o vento favorável, arregaçaram as mangas e içaram as velas, cujos nomes foram ficando familiares: Giba, Traquete, Contra-traquete, Grande e Mezena. A



E SE OS ACENOS NO ALFEITE SIGNIFICARAM O GESTO DE DESPEDIDA, OS SALTOS DIVERTIDOS DOS GOLFINHOS NA FOZ DO SADO ERAM AS BOAS-VINDAS DO MAR

tarefa de içar as velas é manual e repleta de trabalhos, e todos aguardam o som do apito do mestre, preliminar ao anúncio nos altifalantes: “Volta à faina”. Por agora, a faina estava completa. E se os acenos no Alfeite significaram o gesto de despedida, os saltos divertidos dos golfinhos na foz do Sado eram as boas-vindas do mar. Com o motor desligado, a terra já uma miragem, o som do vento a bater nos panos das velas e a sensação de se estar rodeado por um mar redondo, cuja cor só pode ser descrita como azul profundo, é algo que marcou desde logo os aprendizes de marinheiros. Tal como a noção de que se o navio estava a navegar, era porque todos tinham contribuído para isso.

Essa é, aliás, a actual função do Creoula. Antigo bacalhoeiro construído em 1937 nos estaleiros da CUF, em plena época de desenvolvimento da frota pesqueira, sofreu diversas peripécias até finais da década passada, altura em que o Ministério da Defesa o colocou sob a autoridade da Marinha, transformando o velho bacalhoeiro, já em processo de decadência, em Navio de Treino de

Mar. Hoje, o Creoula existe para que as pessoas, especialmente os jovens, possam tomar contacto com o mar, adquirindo conhecimentos técnicos, especialmente sobre a navegação à vela. O Comandante, Leal de Faria, apaixonado da vela, sublinha que “há imensas pessoas que não sabem o que é o mar e a vida a bordo, o funcionar em grupo mesmo em condições hostis”. Apesar de já funcionar como navio de treino de mar há mais de dez anos, “não há duas viagens iguais no Creoula”, defende Leal de Faria. Principalmente para os instruendos, que vivem de uma forma intensa todas as horas, armazenando a experiência no baú dourado das recordações. Mesmo para os marinheiros já mais batidos, cada novo grupo traz diferentes tipos de convívio, partilha de histórias, vivências e até amizades.

Uma viagem especial

Esta viagem, no entanto, era de facto especial. Não só por ser a última viagem do Creoula neste século que o viu nascer, morrer e ressuscitar, mas também porque tinha um objectivo especial: observação de aves e mamíferos marinhos em alto-mar, divulgar o património natural do arquipélago da Madeira e sensibilizar as pessoas para as questões ambientais. A ideia e a organização desta viagem foram levadas a cabo pelo Centro de Estudos da Avifauna Ibérica (CEAI),

uma associação para a conservação da Natureza sediada em Évora. Aqui, a componente de treino de mar era uma forma original de aproximar as pessoas de formas de Natureza diferentes das de Portugal Continental. Rogério Cangarato e Carla Janeiro, membros da direcção e coordenadores desta iniciativa, assumindo o papel de directores de treino, decidiram-se pela realização da viagem já no ano passado. Rogério, entusiasta da observação de aves, explica que “há poucos estudos das aves marinhas da Zona Económica Exclusiva portuguesa fora das suas colónias, e esta é uma oportunidade de avançar neste campo. Para além disso, hoje em dia o CEAI dedica-se também ao estudo e conservação da Natureza como um todo, e a ideia é mostrar as particularidades ambientais da Madeira e sensibilizar para a protecção do ambiente”. Cada participante desta viagem teve que desembolsar cerca de 75 contos, porque a Marinha também presta contas ao Estado. Se muitos dos novos tripulantes estavam ligados ao CEAI, a verdade é que cerca de metade veio completamente ao desconhecido. Ligava-os, a todos, o espírito de aventura e o amor pelo mar e pela Natureza. E a vontade de escapar uns dias à rotina do quotidiano. Fernando Miranda, um sereno professor de matemática na Universidade do Minho, era, com os seus 35 anos, um dos mais velhos do grupo. Veio para a viagem

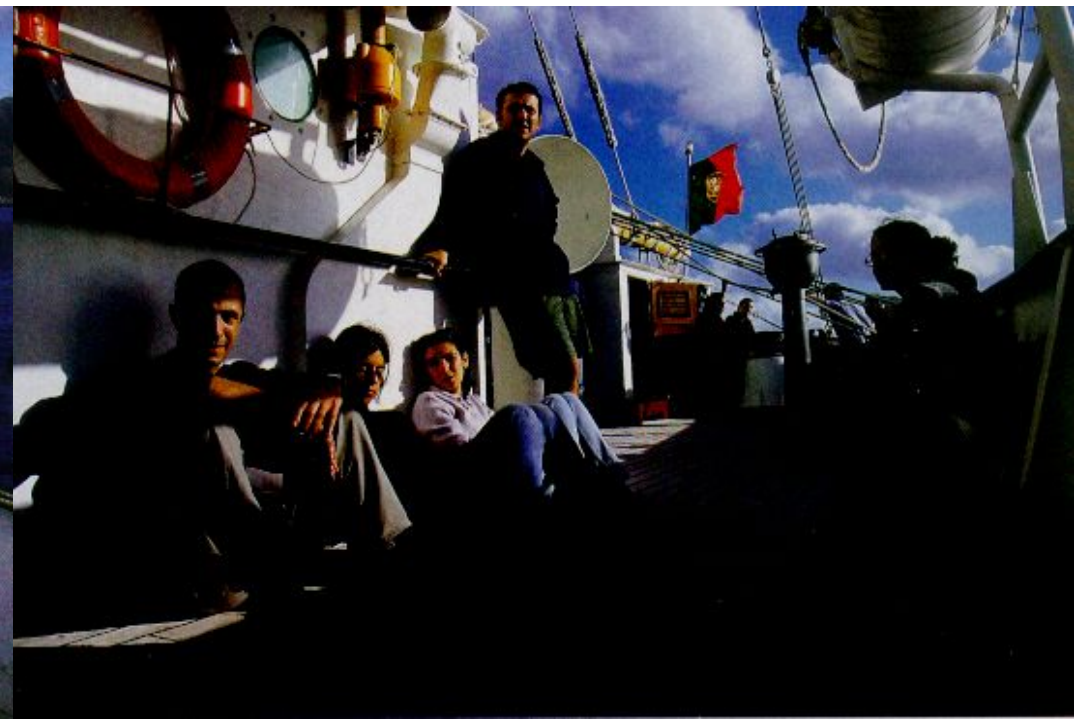
sem conhecer ninguém, atraído “pela magia do mar, pelo imaginário que este significa para todos os portugueses”. Alguns tiveram mesmo as suas únicas férias deste ano, como foi o caso de Jaime Lima, um economista de 24 anos que trabalha num Cash & Carry de Santarém. Viu o anúncio num jornal e inscreveu-se “pela experiência e oportunidade de conhecer novos sítios e pessoas”. Quando se pergunta a Dulce Cruz, enfermeira em Évora e sócia do CEAI, o que é que a fez vir nesta viagem, onde se mistura trabalho braçal com lazer, a resposta vem rápida: “o meu conceito de férias é fazer algo diferente do dia-a-dia. Aqui temos oportunidade de ter uma série de vivências únicas”. Durante os três dias que durou a viagem até ao arquipélago da Madeira, os instruendos lutaram contra o flagelo do enjoo e habituaram-se a viver numa casa ambulante, cujo jardim azul parecia infinito. Dormir em beliches exíguos, embalados pelas ondas, por vezes violentas, e aprender a comer com os pratos e copos em constante movimento, ou a fazer a higiene diária a baloiçar, foram vicissitudes depressa apreendidas. Bem como as tarefas obrigatórias de, às oito da manhã, lavar o convés, desentupir sanitas ou “limpar os amarelos”, os metais mais nobres do navio. Vidas de marinheiros. Da mesma forma, divididos em quatro grupos, participam na condução do navio em

turnos de quatro horas, logicamente designados por quartos, que funcionam 24 horas por dia. Subdivide-se os grupos, cujas funções consistem em fazer vigia à proa do navio, assinalando contactos com outras embarcações, ajudar nas salas de máquinas e limitação de avarias, bem como comandar o leme, encaminhando o Creoula na rota designada pelos oficiais, ou ainda participar como adjunto dos oficiais de serviço, aprendendo noções de navegação. E quando o vento muda, a faina volta, e os instruendos sobem para o convés para içar, caçar (mudar a direcção) ou carregar (baixar) as velas, para então as ferrar (enrolar) e safar (arrumar) os cabos. No meio deste rebuliço, ainda há tempo para assistir a palestras sobre navegação astronómica e temas ambientais, confraternizar no refeitório ou deixar os olhos perderem-se na linha do horizonte. O cansaço era compensado pela visão de aves marinhas como as pardelas, o nascer e o pôr-do-sol, cardumes de peixes, tartarugas solitárias, um arco-íris em pleno oceano, simpáticos golfinhos e até mesmo baleias. À noite, com os mastros apontados a um tecto de estrelas e a proa a rasgar a escuridão, imagens como uma tempestade em alto-mar, felizmente distante, ou os “pirilampos do mar”, fenómeno luminoso supostamente causado pelo contacto da passagem do navio com o fitoplâncton, limpavam o espírito e ajudavam a carregar baterias.

Terra à vista

O quarto dia de navegação amanheceu com terra à vista: a ilha de Porto Santo, a primeira do arquipélago a ser descoberta por Gonçalves Zarco e Tristão da Cunha, no longínquo ano de 1419. Esta ilha de silhueta montanhosa, onde Cristovão Colombo viveu dois anos da sua vida, era também a primeira visão dos tripulantes do Creoula à medida que iam acordando. Quatro dias de viagem que no entanto pareceram muito mais, devido às poucas horas de sono e intensidade de novos acontecimentos. Tal como os descobridores, sentia-se merecido o direito a pisar a ilha. Passado o impacto do regresso a terra firme, onde faltava o balanço do navio, era o momento para um passeio pela simpática vila e sua magnífica praia de nove quilómetros de comprimento e água a 24 graus. De regresso ao veleiro, a poucas milhas estava já o porto do Funchal, onde os tripulantes atracaram alegremente no

**O “CREOULA” EXISTE PARA QUE AS
PESSOAS, ESPECIALMENTE OS JOVENS,
POSSAM TOMAR CONTACTO
COM O MAR, ADQUIRINDO
CONHECIMENTOS TÉCNICOS,
ESPECIALMENTE SOBRE NAVEGAÇÃO
À VELA**



dia seguinte. Aguardava-os um período de três dias na Madeira, hospedados no original hotel Creoula, e o contacto com uma natureza exuberante. O sul da Ilha, centralizado na cidade do Funchal, é a zona mais densamente habitada, onde se destaca também o Cabo Girão, um deslumbrante promontório de 580 metros que o torna num dos maiores do mundo. A leste, ressalta a imponência agreste da Reserva Natural da Ponta de S. Lourenço, um troço de costa escarpada que já assistiu ao tímido regresso das focas-monge. Ao centro, as montanhas, circundadas por estradas sinuosas, são esmagadoras na sua beleza. Mais a norte, uma das principais maravilhas da Madeira: a floresta Laurissilva. A percebemo-nos então porque é que a ilha ganhou o seu nome de baptismo. Porque se hoje cobre cerca de 20%, esta floresta, na época dos Descobrimentos, revestia todo o território. O Til (*Ocotea foetens*), que pode atingir os trinta metros de altura e diâmetros de tronco que um homem só não consegue enlaçar, e o Loureiro (*Laurus azorica*), cujas bagas são alimento de uma espécie de pombo (*Columba trocaz*) único no mundo, são

AQUI O TESOURO É CONSTITUÍDO PELAS PRÓPRIAS ILHAS, COM DESTAQUE PARA A DESERTA GRANDE, E O PATRIMÓNIO QUE ALBERGAM

testemunhos desta floresta milenar. Mas muitas mais espécies de plantas compõem este verdadeiro tesouro natural. É que para além da sua beleza, têm consigo o peso de serem um documento histórico. Actualmente, estas espécies vegetais estão apenas representadas em alguns locais da Macaronésia (área geográfica que engloba a Madeira, Açores, Canárias, Cabo Verde e parte da costa ocidental africana), com especial incidência na Madeira que alberga a maior área de Laurissilva, mas há 20 milhões de anos cobriam todo o sul da Europa. No final da era terciária, com as alterações climáticas provocadas pela glaciação, estas espécies extinguíram-se naturalmente, constituindo as ilhas atlânticas o seu último reduto, devido ao clima ameno proporcionado pelo oceano e pela pequena dimensão das ilhas. Graças ao seu estatuto de relíquia viva, base da criação do Parque Natural da Madeira, em 1982, esta floresta deverá ser agora considerada como Património Natural da Humanidade pela UNESCO até ao final do ano. Distinção que vem mesmo a calhar para maior protecção de um tipo de flora único no mundo e que, devido à sua capacidade de absorção de humidade, fornece água à parte sul da ilha, através das deslumbrantes levadas. Esta rede de canais condutores de água permitem a realização de percursos pedestres que acompanham e perfuram as encostas das montanhas,

possibilitando caminhar sob a sombra da floresta, como fizeram os instruídos do Creoula, guiados por técnicos do Parque Natural. O contraste com o próximo destino não poderia ser maior.

O tesouro das Desertas

Ao longe, erguem-se altivas do oceano três enigmáticas ilhas: as Desertas. Apesar de se avistarem do Funchal, só ao fim de algumas horas de navegação é que poderão ser visitadas. E fazem juz ao seu nome. Compostas pelo Ilhéu Chão, Deserta Grande e Bugio, as Desertas são assim apelidadas porque, devido às suas enormes escarpas e difícil acesso, nunca foram povoadas. Áridas, sem água potável, quase não têm vegetação. Só se consegue chegar a terra numa pequena embarcação a motor, deixando o Creoula fundeado ao largo, tal como num filme de piratas. Mas aqui o tesouro são as próprias ilhas, com destaque para a Deserta Grande, e o património que albergam. Existe apenas uma pequena faixa de terra mais plana, resultante do desabamento de uma falésia há cerca de 80 anos, que permitiu a construção de uma casa onde se revezam os únicos seres humanos que aqui marcam presença: os funcionários do Parque Natural. A sua missão é zelar pelas riquezas das Desertas, com destaque para o seu principal filão: a Foca-monge (*Monachus monachus*), mais conhecida por Lobo-marinho. Em todo o planeta,

já só vivem cerca de quatro centenas destes mamíferos, circunscritos ao mar Mediterrâneo e Macaronésia, sendo uma das espécies em maior perigo de extinção. Nas Desertas, estima-se que haja cerca de 20 lobos-marinhos, que podem medir mais de 2 metros e pesar 300 quilos. O orgulho com que os funcionários falam deste animal - razão que levou à criação da Reserva Natural das Desertas - e da evolução da sua população (esta colónia é das poucas em recuperação, quando em 1988 havia apenas nove) contagia todos os ouvintes que, apesar de não terem avistado qualquer exemplar, sabem que este é o seu habitat. E resolveram partilhá-lo, nadando nas límpidas águas recheadas de vida, já descritas anteriormente por Jacques Costeau. Sargos, meros, peixes-papagaio e castanhetas, fizeram as maravilhas de quem mergulhou nestas águas e que tão depressa não se vai esquecer. Houve quem optasse por uma ascensão aos cumes da ilha, desafiando algumas leis da gravidade, de modo a chegar ao planalto algo lunar e impressionar-se com os cerca de 500 metros escarpados até ao mar. De vez em quando, um olhar mais atento para o chão, não fosse aparecer uma Tarântula-das-desertas, espécie endémica da ilha e venenosa quanto baste. A outra parte do tesouro destas ilhas encontra-se na riqueza das aves marinhas pelágicas, assim denominadas

porque passam a maior parte do ano em alto mar, só se deslocando a terra para se reproduzirem. E as Desertas são um desses portos de abrigo, nomeadamente para espécies como a Alma-negra (*Bulweria bulwerii*), o Painho da Madeira (*Oceanodroma castro*) ou a Pardela-sombria (*Puffinus puffinus*), entre outras. Ao fim do dia, quando foi necessário voltar ao navio, todos sentiram que queriam ficar pelo menos mais um dia neste canto de Portugal. Mas já a noite era iluminada pelas estrelas e o Creoula estava pronto para o regresso a Porto Santo com as suas velas erguidas ao vento.

A tempestade do regresso

A chegada a Porto Santo significava o início do regresso a Lisboa. Mais um dia para retemperar forças e zarpar de novo ao encontro do Atlântico. Desta feita, devido ao facto dos trabalhos já entrarem em ritmo de rotina, os quatro dias de viagem pareceram mais curtos. No penúltimo dia, um pôr-do-sol em pleno alto mar com cores que só a Natureza consegue fabricar, superava qualquer espectáculo de fogo de artifício. E começavam-se a preparar as despedidas, sobre um mar impressionantemente calmo. Cada participante desta viagem guarda as suas imagens pessoais, mas de certa forma comuns a todos. Jaime Lima ficou marcado pela “união que se deu entre as pessoas, o que permitiu que se fizessem as tarefas com um sorriso no

NAS DESERTAS, ESTIMA-SE QUE EXISTAM CERCA DE 20 LOBOS-MARINHOS, QUE PODEM MEDIR MAIS DE DOIS METROS E PESAR 300 QUILOS

rostro. E fica-se com a noção, mesmo ao de leve, do que era a vida a bordo de um bacalhoeiro”. Rui Candeias, médico recém-licenciado, vinha só pela experiência de mar, “até porque mal sabia o que se iria passar em terra” mas, tal como os restantes, ficou deslumbrado com “a praia de Porto Santo e a riqueza subaquática das Desertas, aparentemente tão inóspitas”. Isadora, mulher de Matosinhos, finalista do curso de Engenharia do Ambiente em Vila Real, reafirma a importância desse espírito de grupo, “da união de pessoas que não se conheciam, como o objectivo comum de chegar a bom porto. A imensidão do mar e o céu estrelado tornam-nos pequenos, mas também nos fazem sentir ligados com o que nos rodeia”. A Dulce Cruz ficar-lhe-à gravado para sempre “o cheiro da floresta, a frescura da água nas levadas, o silêncio” tal como “a imensidão do mar, o que ele esconde, e que nos faz pensar no que fazemos da vida. Acho que todos voltamos um pouco diferentes. Até mais contentes e seguros connosco e com a vida em geral”. E a principal missão do CEAJ tinha sido



AS DESERTAS SÃO ASSIM APELIDADAS PORQUE, DEVIDO ÀS SUAS ENORMES ESCARPAS E DIFÍCIL ACESSO, NUNCA FORAM POVOADAS. ÁRIDAS, SEM ÁGUA POTÁVEL, QUASE NÃO TEM VEGETAÇÃO

cumprida, quando se houve Jaime a afirmar que, depois do contacto que houve com a Natureza, “não são necessárias palestras para nos apercebermos da importância da conservação do meio ambiente”.

Já perto da costa de Lisboa o mar começou a revoltar-se, com fortes ventos, as ondas a ultrapassar por vezes os cinco metros e o navio a adernar para os lados, encostando-se à linha de água. Depressa se carregaram as velas — uma delas já rasgada — numa faina geral de emergência e todos se abrigaram no interior do Creoula. Navegando na direcção do vento, o navio teria que mudar de rumo ao largo da costa do cabo Espichel, para entrar no estuário do Tejo. Ao velho bacalhoeiro, firme na sua elegância e



porte, nada aconteceu, para além de uns violentos safanões. Mas o mesmo não se passou com um pequeno pesqueiro espanhol, o “Nuevo Isabel Once”, que naufragou junto à costa de Cascais, conduzindo à morte a sua tripulação. O mar mostrava que era como o destino: incerto.

Ao vislumbrar o Sol a nascer por cima do Cristo Rei, já com a calma da barra do Tejo, todas as pessoas que fizeram deste navio a sua casa durante os dias da viagem sabiam que tinham construído ali uma espécie de família,

entre si e com a Natureza. A chegada a Lisboa provocou mesmo o derrame de algumas lágrimas, salgadas de saudade. O Creoula também tinha cumprido a sua missão: após navegar 1150 milhas, aqueles que desembarcaram eram já filhos adoptivos do mar. ■

Os mais curiosos sobre esta viagem e o “Creoula” podem dar um salto à página da Internet feita por um dos instruendos, António Pina, no seguinte endereço: www.dqa.pt/creoula-ceai/